



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v13.1052>

Rodolfo Alves de Macedo¹

Resenha

A Fraternidade, por quê?

MORIN, Edgar. *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo*. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

Fraternidade: termo etimologicamente oriundo do latim *frater*, que significa irmão. Ao longo de toda a história humana, o conceito de fraternidade tem sido entendido através de sua definição mais comum de laço de parentesco ou de afeto entre irmãos. Contudo, durante a Revolução Francesa, esteve presente como categoria política e suas raízes filosóficas ligadas às ideias de liberdade e igualdade, formando o tripé do pensamento revolucionário francês.

É com isto em mente que Edgar Morin, sociólogo, antropólogo e filósofo francês, abre seu livro *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo* (2019). A obra foi originalmente publicada na França em 2019, sob o título *La Fraternité, pourquoi?*, e no Brasil foi publicada no mesmo ano pela editora Palas Athena. Com tradução do antropólogo Edgard de Assis Carvalho, a obra resenhada possui doze capítulos divididos em apenas 64 páginas.

No capítulo 1, “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, Morin inicia seu texto aproximando o conceito de fraternidade de sua definição política, afirmando que os termos deste tripé são complementares, mas que não se integram automaticamente, pois a liberdade, principalmente a econômica, mina a igualdade, o que podemos observar através da expansão do neoliberalismo, provocando o aprofundamento das desigualdades. Por outro lado, a igualdade imposta atenta contra a liberdade. Assim, a questão aqui seria como combinar ambas. Continuando, retorna à

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialista em Cultura e Educação pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso Brasil), Sociologia e Ensino de Sociologia pelo Claretiano Centro Universitário, e Psicopedagogia Educacional pela Universidade Anhembi Morumbi.

E-mail: rodolfo.macedo95@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8013-3994>

definição afetiva de fraternidade afirmando que a solidariedade social como seguro-desemprego e Seguridade Social são organizadas burocraticamente e em nada contribuem para as relações afetivas. Desta forma, a fraternidade não pode ser imposta através de uma instância estatal, mas deve originar-se em instâncias pessoais e humanas.

Em “Fraternidade fechada e aberta”, Morin afirma neste segundo capítulo existir dois tipos de fraternidade: uma fechada no “nós”, em que exclui tudo que seja diferente a esse “nós”, ou seja, um sentimento de afeto para aqueles que nos são semelhantes, para aqueles da própria pátria, por exemplo, o que levaria a um nacionalismo, que considera sua própria nação como superior e, portanto, possui o direito legítimo de opressão; por outro lado, uma fraternidade aberta decorrente do patriotismo pode possuir o sentimento de inclusão de outras pátrias, do migrante, do refugiado, entre outros.

Chegando no capítulo 3, “Fontes biológicas da fraternidade: a ajuda mútua”, Morin inicia com Darwin e a seleção natural, em que os mais adaptados sobrevivem em um mundo conflitual. Em oposição a isso, cita Piotr Kropotkin e sua tese sobre ajuda mútua como fator da evolução, em que afirma que as espécies mais adaptadas são as mais solidárias, tese essa que, segundo Morin, foi deixada de lado pelos biólogos. A partir daí, e juntamente com a Ecologia e com a noção de ecossistema, Morin aponta para as relações associativas entre diferentes espécies, como flores e abelhas, por exemplo. Esse antagonismo também possui complementaridade, criando múltiplas solidariedades a favor da vida. Desta forma, percebemos que a vida carrega a necessidade do outro. Integrando ambas as teorias de Darwin e Kropotkin, Morin afirma que o conflito daquela pode ser integrado à cooperação desta e que esta relação entre solidariedade e conflituosidade se estende às sociedades humanas.

Continuando nessa relação entre ajuda mútua e conflitos, no capítulo 4, “Concórdia e discórdia: pai e mãe de todas as coisas”, Morin parte de uma afirmação de Heráclito para demonstrar que a vida obedece a esse princípio, sendo a concórdia a instância criadora, de associação, e a discórdia a instância que conduz à desintegração, sendo essa relação complementar observada historicamente.

Em “Fontes antropológicas da fraternidade”, o capítulo 5 se inicia com Morin afirmando que, primeiramente, seria necessário fazer uma reflexão sobre paternidade, maternidade e fraternidade. A paternidade seria um fenômeno tardio

na história, e em sociedades patriarcais, essa figura paterna assume como chefe. Já o fenômeno da maternidade seria o mais antigo na história da humanidade. Por último, para falar sobre fraternidade, e sem explicitar os motivos pela sua escolha nem apresentar as referências para a afirmação seguinte, Morin retorna à biologia e argumenta que a fonte antropológica da fraternidade estaria relacionada à reprodução por divisão celular de organismos unicelulares e pluricelulares, que, desta forma, produzem um “irmão” ou “irmã”.

No capítulo 6, “Fraternidade humana”, Morin (2019, p. 27) afirma que “Ajuda mútua, cooperação, associação, união são componentes inerentes à fraternidade humana”. Porém, essa fraternidade também carregaria uma potência rivalizadora.

Já no capítulo 7, “Minhas fraternidades”, Morin adentra em aspectos autobiográficos para demonstrar sua descoberta sobre a fraternidade. Filho único e órfão de mãe aos dez anos de idade, encontrou amigos nos livros e filmes. Diz ainda que, mesmo a amizade de um companheiro militante de um partido de esquerda ainda não podia ser considerada como fraternidade até então. Isso só se daria após 1940, ao buscar refúgio em Toulouse e ter conhecido outros estudantes refugiados e antifascistas. Enfim, afirma que “essas fraternidades provisórias são momentos em que dois seres humanos se consideram mais do que simples camaradas - são momentos solares que reaquecem o caminho de nossas vidas em um mundo prosaico” (MORIN, 2019, p. 34).

Em “Individualismo e solidariedade”, o capítulo 8, Morin afirma que nossa sociedade capitalista foi capaz de desenvolver o individualismo e, segundo o autor, possui: 1. características positivas, como a autonomia pessoal, viabilizando a emancipação dos jovens e suas escolhas; 2. características ambivalentes, como a concorrência e a competição como estímulos psicológicos e econômicos, mas que levados além dos limites, se transforma em obsessão pelo lucro e; 3. características negativas, como o egoísmo e a degradação das solidariedades. Esse individualismo tem impactado significativamente na forma que concebemos a solidariedade, e constata-se o fim desta como a conhecíamos em famílias extensas e em sociedades urbanas. Por fim, Morin afirma que renasce a necessidade do “nós”.

No capítulo 9, “Paradoxos da mundialização”, Morin procura demonstrar como a globalização, ao invés de criar uma compreensão entre povos, na verdade provocou uma tendência ao individualismo, ou como afirmou anteriormente no

capítulo 2, uma fraternidade fechada no “nós”. Além disso, outro dilema da globalização é o desenvolvimento de diversos problemas globais, como armas nucleares, degradação do meio ambiente, crises econômicas, entre outros. Assim, tudo isso necessita de uma consciência de toda a comunidade global e de uma fraternidade humana aberta, que não se feche em culturas particulares.

Diante dos aspectos negativos do desenvolvimento do individualismo, em que tudo tende a se isolar no “eu”, urge a necessidade do “nós”. No capítulo 10, “Oásis da fraternidade”, Morin argumenta que essa necessidade surge como uma forma de resistência em um mundo que tem a nós, seres humanos, como meros números, como objeto de cálculo. Assim surgem espontaneamente iniciativas pessoais e comunitárias de associação que se assemelham a um oásis no deserto. Segundo o autor, “[...] essas iniciativas multiplicam as autonomias individuais ou comunitárias para escapar dos tentáculos dos poderes tecnoeconômicos” (MORIN, 2019, p. 43). E continua: “Esses oásis são e serão ligados a uma economia solidária, espaços de despoluição e de desintoxicação das vidas, espaços melhores para se viver, espaços de solidariedade e fraternidade” (MORIN, 2019, p. 46).

A partir da pergunta que dá título ao capítulo 11, “Mudar de via?”, Morin nos conduz à rota de destruição pela qual o mundo passa, como crises sociais, políticas, econômicas e degradação do meio ambiente, e argumenta que como solução “seria necessário previamente mudar nossa maneira de conhecer e pensar – redutora, disjuntiva, compartimentada – para um modo de pensamento complexo que religa, capaz de apreender os fenômenos em sua diversidade e, ao mesmo tempo, em sua unidade e também em sua contextualidade” (MORIN, 2019, p. 48).

Por fim, no capítulo 12, “Fraternizar na incerteza”, Morin aborda as incertezas em relação ao nosso futuro e como estamos caminhando para um desastre em cadeia. Cita também um movimento de transumanismo, em que as competências humanas seriam potencializadas. Porém, para o autor, essas melhorias humanas devem ser de suas capacidades de compreensão, amor e fraternidade. Para isso, devemos: 1. Salvar e desenvolver as fraternidades dos oásis, ou seja, sistemas alternativos de vida e; 2. Alimentar e desenvolver uma consciência de humanidade a partir de um humanismo regenerado (MORIN, 2019, pp. 51-52).

Neste século XXI estamos vivendo as mais diversas crises da humanidade e caminhando rumo à destruição do planeta e da vida como a conhecemos.

Catástrofes ambientais, negacionismo científico, crises políticas e econômicas, fome. Tudo isso nos leva a crer que estamos caminhando para a ruína e nosso mundo está morrendo rapidamente. Partindo de sua experiência de vida e cheio de otimismo e esperança em relação ao futuro, nesta breve obra Edgar Morin antecipa a necessidade da fraternidade para esses tempos incertos e nos convida a pensar em uma existência nesse mundo de maneira mais coletiva, solidária, fraterna, levando-nos a acreditar que talvez (e somente talvez) o mundo ainda possua uma saída.

Recebido em: 29/10/2021.
Aprovado em: 30/06/2022.
Publicado em: 01/07/2022.